ISSN: 2358-8829

COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA (CNV) E DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA PARAÍBA

Maria Aparecida da Silva Januário[1]

INTRODUÇÃO

A escola constitui um espaço privilegiado para a formação humana, uma vez que, para além da construção de conhecimentos acadêmicos, possibilita o desenvolvimento de relações interpessoais, valores, atitudes e habilidades necessárias à vida em sociedade. Nesse ambiente, crianças e adolescentes convivem cotidianamente com diferentes sujeitos, perspectivas, experiências e formas de expressão, tornando a convivência escolar uma dimensão importante dos processos educativos. Dessa maneira, compreender a escola como espaço de aprendizagem implica considerar também as relações estabelecidas em seu cotidiano e as condições que favorecem uma convivência pautada no respeito, no diálogo e na cooperação.

A convivência escolar é constituída por diferentes relações e situações que podem favorecer tanto experiências de pertencimento, colaboração e respeito quanto episódios de conflitos, exclusão, indisciplina e violência. Nesse sentido, os problemas de convivência não devem ser compreendidos de maneira homogênea, uma vez que apresentam diferentes manifestações e demandam estratégias de prevenção e intervenção igualmente diversificadas. Vinha et al. (2025) destacam que os problemas de convivência presentes nas instituições educativas podem afetar o clima escolar, as relações interpessoais, as práticas pedagógicas e o desenvolvimento dos estudantes, ressaltando a necessidade de intervenções planejadas e articuladas para o enfrentamento dessas situações.

A discussão sobre convivência também está diretamente relacionada ao conceito de clima escolar. O clima escolar envolve diferentes dimensões da experiência educativa,

[1] Pós-Graduada em Psicologia Escolar e Educacional- FACUMINAS, januarios.psi@gmail.com

incluindo as relações sociais, os conflitos e a percepção dos integrantes da comunidade escolar acerca da qualidade das interações estabelecidas nesse espaço. Vinha et al. (2016) apontam uma relação entre a qualidade do clima escolar e das relações interpessoais, apresentando experiências de intervenção que envolveram mediação de conflitos, protagonismo dos estudantes e formação continuada dos profissionais da escola. Tais contribuições evidenciam que a convivência não deve ser tratada apenas de forma reativa, diante da ocorrência de conflitos, mas como uma dimensão que pode ser planejada e trabalhada sistematicamente no cotidiano escolar.

Nessa perspectiva, a comunicação ocupa papel central na construção das relações estabelecidas no ambiente educacional. A forma como os indivíduos expressam pensamentos, sentimentos, necessidades e insatisfações pode contribuir para o fortalecimento dos vínculos ou, em determinadas circunstâncias, intensificar situações de conflito. Dificuldades relacionadas à escuta, à expressão emocional e à compreensão das necessidades próprias e do outro podem favorecer interações marcadas por julgamentos, acusações e respostas defensivas. Assim, desenvolver formas mais conscientes e respeitosas de comunicação constitui uma possibilidade de intervenção sobre aspectos que atravessam a convivência cotidiana.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a importância de competências relacionadas à convivência e ao desenvolvimento integral dos estudantes. Entre as competências gerais previstas para a Educação Básica encontram-se aspectos relacionados ao autoconhecimento, à empatia, ao diálogo, à cooperação, à responsabilidade e à capacidade de lidar com situações de conflito. O documento orienta que essas dimensões sejam consideradas no processo formativo dos estudantes, articuladas às aprendizagens próprias das diferentes áreas do conhecimento (BRASIL, 2018).

A valorização dessas competências também se relaciona à necessidade de proporcionar aos estudantes oportunidades para reconhecer, compreender e expressar suas emoções, estabelecer relações respeitosas e desenvolver recursos para lidar com situações desafiadoras. Nesse sentido, o desenvolvimento socioemocional pode ser compreendido como uma dimensão integrada à formação escolar, não como elemento separado das aprendizagens acadêmicas. A escola constitui, portanto, um contexto significativo para a construção de habilidades relacionadas à empatia, à cooperação, à

ISSN: 2358-8829

comunicação e à resolução de conflitos, especialmente quando essas habilidades são trabalhadas de forma intencional e contextualizada.

É nesse cenário que a Comunicação Não Violenta (CNV), proposta por Marshall Rosenberg, apresenta-se como uma abordagem que pode contribuir para a reflexão e a transformação das formas de interação. Para Rosenberg (2006), a comunicação pode ser desenvolvida de maneira a favorecer maior compreensão das experiências humanas, valorizando a expressão dos sentimentos e das necessidades e a construção de pedidos claros. A proposta organiza o processo comunicativo a partir de quatro componentes fundamentais: observação, sentimentos, necessidades e pedidos. O autor destaca ainda a importância da empatia e da capacidade de escutar o outro, buscando compreender aquilo que está sendo comunicado para além de julgamentos ou interpretações imediatas.

No contexto escolar, os princípios da CNV podem ser articulados a práticas que estimulem a escuta ativa, a identificação e expressão das emoções, o reconhecimento das necessidades e a construção de formas mais respeitosas de diálogo. Essa perspectiva desloca a comunicação de uma lógica centrada exclusivamente na identificação de culpados ou na imposição de respostas para uma possibilidade de compreensão das necessidades envolvidas nas situações relacionais. Dessa forma, diante de um conflito, a atenção pode ser direcionada não apenas ao comportamento apresentado, mas também aos sentimentos, às necessidades e às formas de comunicação presentes naquela interação.

A utilização de estratégias voltadas ao desenvolvimento socioemocional e à mediação dos conflitos encontra respaldo em estudos que discutem a importância da formação para a convivência no ambiente escolar. Pesquisas sobre clima escolar e convivência indicam que ações envolvendo mediação de conflitos, formação de profissionais e participação dos estudantes podem integrar propostas mais amplas de melhoria das relações escolares (VINHA et al., 2016). Do mesmo modo, estudos recentes continuam apontando a necessidade de intervenções que considerem a complexidade dos problemas de convivência e que atuem tanto na prevenção quanto na promoção de relações mais respeitosas (VINHA et al., 2025).

Diante disso, trabalhar a Comunicação Não Violenta no ambiente escolar não significa apenas ensinar uma técnica de comunicação, mas possibilitar espaços de reflexão acerca das formas pelas quais os sujeitos estabelecem relações, expressam emoções, interpretam comportamentos e respondem às situações de conflito. Rodas de

conversa, atividades de sensibilização, dinâmicas reflexivas e momentos formativos podem favorecer experiências nas quais estudantes e educadores sejam convidados a refletir sobre suas próprias formas de comunicação e sobre os impactos que elas produzem nas relações cotidianas.

A participação dos educadores também merece destaque nesse processo, considerando que a construção da convivência escolar envolve diferentes atores da comunidade educativa. Professores e demais profissionais da escola participam diretamente da organização das relações cotidianas, da mediação de situações de conflito e da criação de oportunidades para o diálogo. Assim, ações de formação e sensibilização direcionadas aos profissionais podem contribuir para ampliar a reflexão sobre práticas comunicacionais e estratégias de manejo das situações relacionais presentes no cotidiano escolar.

Nesse sentido, a proposta de intervenção apresentada neste trabalho parte da compreensão de que a promoção de uma cultura de convivência respeitosa requer ações contínuas e articuladas, que envolvam tanto estudantes quanto educadores. A CNV é tomada, portanto, como referencial para o desenvolvimento de atividades que possibilitem refletir sobre sentimentos, necessidades, escuta, empatia e formas de expressão, articulando tais dimensões às demandas concretas do contexto escolar.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de intervenção baseada nos princípios da Comunicação Não Violenta em uma escola pública de ensino fundamental da Paraíba. A proposta contempla atividades de sensibilização, rodas de conversa, dinâmicas reflexivas e momentos formativos com alunos e educadores, buscando estimular a escuta ativa, o reconhecimento de emoções e necessidades e o desenvolvimento de formas mais respeitosas de expressão e interação. Pretende-se, ainda, refletir sobre as potencialidades da Comunicação Não Violenta enquanto ferramenta para a promoção do desenvolvimento socioemocional, para a mediação mais empática de conflitos e para o fortalecimento dos processos de socialização e convivência no contexto educacional.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente estudo caracteriza-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa, desenvolvido no contexto da Psicologia Educacional, a partir de uma proposta

de intervenção fundamentada nos princípios da Comunicação Não Violenta (CNV). A experiência foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) João Fernandes Falcão, localizada no Sítio Timbaúba, no município de Frei Martinho, Paraíba. A intervenção considerou as contribuições e as possibilidades de atuação da Psicologia no contexto escolar, conforme as orientações do Conselho Federal de Psicologia (2019).

Participaram da experiência 23 estudantes, com idades entre 5 e 11 anos, matriculados do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, além dos professores e da diretora escolar. A proposta contemplou oito encontros com os estudantes e momentos de diálogo com os profissionais da instituição, buscando integrar as ações de sensibilização e desenvolvimento socioemocional às demandas de convivência identificadas no contexto escolar.

As atividades foram planejadas de acordo com a faixa etária dos estudantes e as características do ambiente educacional, adotando uma abordagem lúdica, participativa e reflexiva. Foram realizadas rodas de conversa, dinâmicas, atividades lúdicas e utilização de recursos audiovisuais, com o propósito de favorecer o reconhecimento e a expressão dos sentimentos e das necessidades, o exercício da escuta ativa, o desenvolvimento da empatia e a construção de relações interpessoais mais respeitosas. As propostas buscaram estimular a participação dos estudantes e promover reflexões sobre as formas de comunicação e de relacionamento presentes em suas experiências cotidianas.

A intervenção teve como eixo norteador os quatro componentes da Comunicação Não Violenta propostos por Rosenberg (2006): observação, sentimentos, necessidades e pedidos. Esses elementos foram trabalhados de maneira contextualizada e acessível às crianças, visando favorecer a identificação e a expressão das emoções, o reconhecimento das necessidades próprias e alheias, a escuta empática e a comunicação respeitosa. As atividades também abordaram possibilidades de diálogo e mediação diante de conflitos e desafios relacionados à convivência escolar.

Além dos encontros com os estudantes, foram promovidos momentos de diálogo e reflexão com os profissionais da instituição, contemplando questões relacionadas à comunicação, à escuta, às emoções e às relações interpessoais no ambiente escolar. Esses momentos buscaram ampliar as reflexões sobre as contribuições da CNV para o cotidiano educacional, considerando as possibilidades de utilização de seus princípios nas interações entre os integrantes da comunidade escolar e no manejo de situações desafiadoras.

ISSN: 2358-8829

A análise da experiência ocorreu de forma qualitativa e descritiva, considerando as manifestações dos participantes durante as atividades, bem como aspectos relacionados à participação, à interação entre os estudantes, ao reconhecimento e à expressão dos sentimentos, à escuta do outro e às formas de comunicação mobilizadas nas situações de convivência. Essa análise buscou compreender as contribuições e as possibilidades da intervenção fundamentada na CNV para o desenvolvimento socioemocional e para a promoção de relações mais respeitosas no ambiente escolar.

Dessa forma, a proposta metodológica articulou os princípios da Comunicação Não Violenta às experiências e às demandas do cotidiano escolar, por meio de atividades participativas e reflexivas com os estudantes e de momentos de diálogo com os profissionais da instituição. A experiência buscou contribuir para a valorização da escuta, da empatia e da expressão respeitosa, reconhecendo a importância dessas dimensões para o fortalecimento da convivência escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Cultura de convivência escolar

A escola constitui um espaço de intensa interação social, no qual crianças, adolescentes, professores, gestores e demais profissionais estabelecem relações cotidianamente. Nesse sentido, a convivência escolar não se limita à ausência de conflitos, mas envolve a maneira como os diferentes sujeitos constroem relações, lidam com as diferenças, expressam suas opiniões, solucionam divergências e participam da vida coletiva. Por essa razão, discutir a convivência escolar implica considerar as relações interpessoais como parte constitutiva do processo educativo.

Vinha et al. (2025) compreendem a escola como um espaço privilegiado para a aprendizagem da convivência em uma sociedade democrática e plural. Os autores destacam que os problemas de convivência assumem diferentes manifestações e especificidades, podendo envolver situações de violência, conflitos e outras formas de interação que interferem na qualidade das relações estabelecidas na instituição. Dessa forma, o enfrentamento dessas questões exige ações planejadas que ultrapassem respostas pontuais e exclusivamente disciplinares.

A convivência escolar também se relaciona diretamente ao clima escolar, compreendido como um conjunto de percepções e experiências construídas pelos integrantes da comunidade educativa acerca das relações, normas, práticas e condições presentes na instituição. Vinha et al. (2016) destacam a existência de relação entre a qualidade do clima escolar e das relações interpessoais, apontando a importância de ações sistemáticas destinadas à melhoria da convivência. Em estudo desenvolvido em escolas públicas de ensino fundamental II, os autores utilizaram estratégias que envolveram mediação de conflitos, protagonismo juvenil e formação continuada dos profissionais, demonstrando a relevância de intervenções que envolvam diferentes atores da comunidade escolar.

A construção de uma cultura de convivência, portanto, pressupõe que as relações interpessoais sejam consideradas como objeto de aprendizagem e de intervenção. Não se trata apenas de estabelecer regras para controlar comportamentos, mas de criar condições para que os sujeitos desenvolvam recursos para compreender as consequências de suas ações, reconhecer diferentes perspectivas, dialogar diante das divergências e participar da construção de relações pautadas pelo respeito.

Nesse sentido, a escola pode assumir uma função formativa também no campo das relações humanas, proporcionando experiências que favoreçam o desenvolvimento de atitudes cooperativas, empáticas e responsáveis. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece, entre suas competências gerais, aspectos relacionados à comunicação, ao autoconhecimento, à empatia, ao diálogo, à cooperação e à responsabilidade, indicando que essas dimensões integram o processo de formação dos estudantes (BRASIL, 2018).

Assim, promover uma cultura de convivência escolar implica favorecer espaços nos quais os estudantes e profissionais possam refletir sobre suas formas de interação e comunicação. Essa perspectiva contribui para compreender o conflito não somente como um problema a ser eliminado, mas como uma situação que pode demandar diálogo, reflexão e desenvolvimento de estratégias de resolução que considerem os diferentes sujeitos envolvidos.

2.2 Comunicação Não Violenta

A Comunicação Não Violenta (CNV) foi sistematizada pelo psicólogo Marshall B. Rosenberg como uma abordagem voltada à construção de formas de comunicação fundamentadas na compreensão, na empatia e na expressão consciente das necessidades humanas. A proposta busca favorecer relações nas quais os indivíduos possam expressar aquilo que observam, sentem e necessitam, ao mesmo tempo em que desenvolvem uma escuta mais atenta em relação ao outro (ROSENBERG, 2006). A obra de Rosenberg apresenta a CNV como uma metodologia aplicável a diferentes contextos relacionais, incluindo situações vivenciadas em ambientes educacionais.

A estrutura da Comunicação Não Violenta é organizada em quatro componentes principais: observação, sentimentos, necessidades e pedidos. O primeiro componente consiste em observar determinada situação buscando diferenciar aquilo que efetivamente ocorreu das interpretações e julgamentos realizados sobre o acontecimento. O segundo envolve a identificação e expressão dos sentimentos despertados pela situação. O terceiro corresponde ao reconhecimento das necessidades relacionadas aos sentimentos identificados. Por fim, o quarto componente consiste na elaboração de pedidos claros e concretos que expressem aquilo que se deseja do outro (ROSENBERG, 2006).

A observação sem julgamento constitui um aspecto importante dessa proposta, especialmente porque determinadas formas de comunicação tendem a transformar comportamentos específicos em avaliações generalizadas sobre as pessoas. Ao substituir expressões baseadas em rótulos por descrições mais objetivas dos acontecimentos, cria-se a possibilidade de uma comunicação menos acusatória e mais aberta ao diálogo. Essa diferenciação pode ser particularmente relevante no contexto escolar, onde situações cotidianas de conflito podem rapidamente assumir interpretações relacionadas à personalidade ou às intenções dos envolvidos.

O segundo componente, relacionado aos sentimentos, propõe que o indivíduo desenvolva maior capacidade de reconhecer e nomear suas experiências emocionais. A identificação dos sentimentos permite que a comunicação ultrapasse manifestações exclusivamente comportamentais e possibilita que a pessoa expresse de maneira mais consciente como determinada situação a afetou. No contexto educacional, essa dimensão pode favorecer o desenvolvimento do vocabulário emocional de crianças e adolescentes e ampliar suas possibilidades de expressão diante de situações de frustração, conflito ou desconforto.

O reconhecimento das necessidades constitui o terceiro componente da CNV. Para Rosenberg (2006), sentimentos e necessidades estão relacionados, de modo que compreender aquilo que está por trás de determinada experiência emocional pode contribuir para uma comunicação mais clara. Em uma situação de conflito escolar, por exemplo, uma manifestação de irritação pode estar relacionada a necessidades de respeito, pertencimento, segurança, reconhecimento ou participação. Identificar essas dimensões pode favorecer uma compreensão mais ampla da situação, sem reduzir a experiência do sujeito apenas ao comportamento apresentado.

O quarto componente corresponde aos pedidos. A proposta é que aquilo que se deseja do outro seja comunicado de maneira clara, específica e possível, evitando que pedidos sejam confundidos com exigências. Dessa forma, a comunicação pode favorecer maior clareza sobre as expectativas dos envolvidos e ampliar as possibilidades de construção conjunta de soluções.

Além dos quatro componentes, a empatia ocupa posição importante na proposta de Rosenberg (2006). A CNV envolve tanto a capacidade de expressar-se com clareza quanto a disposição para receber a comunicação do outro com atenção. A escuta empática pressupõe uma tentativa de compreender sentimentos e necessidades sem responder imediatamente com julgamentos, críticas ou soluções. Essa dimensão torna-se particularmente significativa em situações de conflito, nas quais os envolvidos podem apresentar dificuldade para escutar perspectivas diferentes das próprias.

A CNV, portanto, pode ser compreendida não apenas como um conjunto de técnicas comunicacionais, mas como uma perspectiva de relacionamento que valoriza a consciência sobre a própria comunicação e a compreensão do outro. No ambiente escolar, seus princípios podem ser trabalhados por meio de atividades educativas que possibilitem aos estudantes e profissionais reconhecer diferentes formas de comunicação e refletir sobre os efeitos que determinadas palavras, julgamentos e comportamentos produzem nas relações.

2.3 Desenvolvimento socioemocional e Comunicação Não Violenta

O desenvolvimento socioemocional constitui uma dimensão relevante do processo educativo, uma vez que envolve capacidades relacionadas ao reconhecimento e à regulação das emoções, à compreensão das próprias experiências, à interação social e ao

estabelecimento de relações com outras pessoas. No ambiente escolar, essas competências podem contribuir para que os estudantes desenvolvam recursos para lidar com diferentes situações sociais, acadêmicas e emocionais presentes em seu cotidiano.

A Base Nacional Comum Curricular reconhece a importância de aspectos relacionados ao autoconhecimento, à empatia, ao diálogo, à cooperação, à responsabilidade e à cidadania no processo de formação dos estudantes. Dessa forma, o desenvolvimento integral proposto pela BNCC ultrapassa a dimensão estritamente cognitiva e contempla competências relacionadas à maneira como os sujeitos compreendem a si mesmos, relacionam-se com os outros e participam da sociedade (BRASIL, 2018).

Essa perspectiva encontra respaldo na produção científica sobre competências socioemocionais. Em revisão sistemática publicada na Revista Brasileira de Educação, Brantes e Gondim (2025) analisaram 66 estudos relacionados às competências socioemocionais no ensino fundamental. Entre as competências mais frequentes identificadas pelas autoras estiveram a regulação emocional, a percepção emocional e a interação social. A revisão também identificou associações entre competências socioemocionais e aspectos relacionados à saúde, ao bem-estar, ao rendimento acadêmico e às interações sociais dos estudantes.

A educação socioemocional, nesse sentido, pode contribuir para que os estudantes desenvolvam maior consciência sobre seus estados emocionais e sobre a maneira como respondem às situações vivenciadas. Reconhecer uma emoção, compreender o que a desencadeou e identificar estratégias para expressá-la ou regulá-la são processos que podem favorecer relações mais conscientes. Entretanto, o desenvolvimento dessas habilidades não ocorre de maneira isolada, sendo influenciado pelas experiências relacionais e pelos contextos nos quais os sujeitos estão inseridos.

É nesse ponto que a Comunicação Não Violenta pode ser articulada ao desenvolvimento socioemocional. Ao propor a identificação dos sentimentos e das necessidades, a CNV oferece uma estrutura para que o sujeito observe sua experiência interna e encontre formas mais claras de comunicá-la. A identificação emocional, portanto, não constitui apenas uma etapa da comunicação, mas também uma oportunidade de ampliar o autoconhecimento e a compreensão das próprias necessidades.

A relação entre CNV e desenvolvimento socioemocional também pode ser observada na dimensão da empatia. Ao incentivar a escuta das experiências do outro sem

julgamentos imediatos, a abordagem de Rosenberg (2006) favorece uma postura de curiosidade e compreensão diante de diferentes perspectivas. Em um ambiente escolar caracterizado pela diversidade de experiências, essa capacidade pode contribuir para o reconhecimento de que diferentes sujeitos podem interpretar uma mesma situação de maneiras distintas.

Outro aspecto importante refere-se à capacidade de expressão. Crianças e adolescentes nem sempre dispõem de recursos linguísticos e emocionais suficientes para comunicar aquilo que sentem ou necessitam. Como consequência, sentimentos como frustração, tristeza, medo ou raiva podem ser manifestados predominantemente por meio de comportamentos. A criação de espaços educativos para nomeação das emoções e reflexão sobre necessidades pode ampliar as possibilidades de expressão e favorecer formas mais adequadas de comunicação.

Nesse sentido, trabalhar o desenvolvimento socioemocional por meio dos princípios da CNV não significa buscar eliminar emoções consideradas negativas, mas ampliar a capacidade dos sujeitos de reconhecê-las e expressá-las de maneira socialmente construtiva. A raiva, por exemplo, pode ser compreendida como uma experiência emocional que merece ser reconhecida, enquanto a intervenção pode buscar auxiliar o indivíduo a compreender o que está por trás dela e encontrar formas de expressão que não produzam danos às relações.

Dessa forma, a articulação entre desenvolvimento socioemocional e Comunicação Não Violenta possibilita trabalhar simultaneamente aspectos intrapessoais e interpessoais. De um lado, favorece o reconhecimento de emoções, necessidades e formas de autorregulação; de outro, estimula a escuta, a empatia, a cooperação e o diálogo. Essa articulação torna-se especialmente relevante no contexto escolar, onde o desenvolvimento individual ocorre em constante interação com o coletivo.

2.4 Comunicação Não Violenta como estratégia de intervenção no contexto escolar

A utilização da Comunicação Não Violenta no contexto escolar pode ser compreendida como uma possibilidade de intervenção voltada à promoção de relações mais dialógicas e à construção de estratégias para lidar com situações de conflito. Considerando que os problemas de convivência possuem diferentes manifestações e causas, intervenções destinadas à melhoria das relações escolares precisam contemplar

ações preventivas, formativas e relacionais, evitando uma abordagem exclusivamente punitiva ou centrada na resolução imediata dos episódios.

Vinha et al. (2025) destacam a importância de intervenções planejadas para o enfrentamento dos problemas de convivência e para a promoção de um ambiente escolar no qual os diferentes integrantes possam participar da construção de relações mais respeitosas. Os autores discutem experiências de pesquisa e intervenção desenvolvidas no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (Gepem), envolvendo estratégias de prevenção da violência, melhoria do clima escolar e fortalecimento da convivência entre os integrantes das instituições educativas.

Na mesma direção, Vinha et al. (2016) desenvolveram uma proposta de intervenção em escolas públicas de ensino fundamental II que envolveu procedimentos de mediação de conflitos, protagonismo juvenil e formação continuada dos profissionais, além de uma disciplina específica voltada à convivência. Essa experiência reforça a compreensão de que a convivência escolar pode ser objeto de planejamento pedagógico e de ações sistemáticas, e não apenas uma questão a ser administrada quando surgem situações problemáticas.

A CNV pode integrar esse tipo de proposta ao oferecer elementos que auxiliam na reflexão sobre a maneira como os sujeitos se comunicam diante de situações de conflito. A identificação dos fatos, dos sentimentos, das necessidades e dos pedidos pode funcionar como um roteiro para favorecer a organização da comunicação e reduzir a tendência de responder imediatamente por meio de acusações, julgamentos ou comportamentos defensivos (ROSENBERG, 2006).

No ambiente escolar, esses princípios podem ser trabalhados de diferentes maneiras. Com os estudantes, podem ser desenvolvidas atividades lúdicas, rodas de conversa, dramatizações, estudos de situações-problema, cartões de emoções e dinâmicas de identificação de sentimentos e necessidades. Essas estratégias podem ser adaptadas às diferentes faixas etárias e relacionadas a situações concretas do cotidiano escolar, como conflitos entre colegas, dificuldades de escuta, exclusão, brincadeiras que ultrapassam limites, frustrações e divergências.

Com os educadores, a abordagem pode ser utilizada em momentos formativos voltados à reflexão sobre as práticas comunicacionais presentes na rotina escolar. A formação pode contemplar situações reais ou hipotéticas, permitindo que os profissionais analisem diferentes possibilidades de resposta e reflitam sobre a relação entre

comunicação, emoções, necessidades e manejo dos conflitos. Nesse processo, a CNV pode constituir um recurso de reflexão profissional, sem ser compreendida como uma fórmula rígida ou como uma garantia automática de resolução dos conflitos.

A escuta ativa representa outro elemento relevante para esse processo. Escutar não significa necessariamente concordar com o outro, mas demonstrar disponibilidade para compreender sua perspectiva e reconhecer os aspectos emocionais e relacionais envolvidos em determinada situação. No contexto escolar, essa postura pode contribuir para que estudantes e profissionais se sintam mais acolhidos e tenham maiores oportunidades de expressar suas experiências.

A proposta de intervenção fundamentada na CNV também pode favorecer o protagonismo dos estudantes. Ao serem convidados a refletir sobre situações de convivência, identificar emoções, reconhecer necessidades e pensar em alternativas para determinados conflitos, os alunos deixam de ocupar exclusivamente a posição de receptores de regras e passam a participar da construção de estratégias para a vida coletiva. Essa participação dialoga com experiências de intervenção escolar que valorizam o protagonismo juvenil como elemento da construção da convivência (VINHA et al., 2016).

É importante destacar, contudo, que a Comunicação Não Violenta não deve ser compreendida como uma estratégia isolada capaz de solucionar todos os problemas de convivência escolar. A complexidade das relações educativas exige ações articuladas que considerem aspectos institucionais, pedagógicos, relacionais e sociais. Dessa forma, a CNV pode ser entendida como um recurso que integra uma proposta mais ampla de promoção da convivência, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades comunicacionais e socioemocionais.

Nesse sentido, a intervenção proposta neste trabalho busca utilizar os princípios da Comunicação Não Violenta como eixo articulador de atividades destinadas a estudantes e educadores. As ações de sensibilização, rodas de conversa, dinâmicas reflexivas e momentos formativos são compreendidas como espaços de aprendizagem e reflexão sobre as relações estabelecidas no cotidiano escolar. A intenção não é apenas ensinar os componentes da CNV, mas favorecer experiências nas quais os participantes possam refletir sobre como observam, sentem, necessitam, escutam e se comunicam.

Assim, a Comunicação Não Violenta pode assumir, no contexto desta proposta, uma função educativa e preventiva, articulando comunicação, desenvolvimento

socioemocional e convivência escolar. Sua utilização como referencial de intervenção permite aproximar o trabalho com emoções e relações interpessoais das situações concretas vivenciadas na escola, favorecendo uma perspectiva de convivência baseada no diálogo, no respeito, na escuta e na consideração pelas necessidades dos diferentes sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização da proposta de intervenção possibilitou acompanhar a participação e o envolvimento da comunidade escolar nas ações fundamentadas na Comunicação Não Violenta (CNV). Ao longo dos oito encontros com os estudantes e dos momentos de diálogo com os profissionais da instituição, foram desenvolvidas atividades voltadas à comunicação, à expressão de sentimentos, à escuta e à convivência respeitosa, buscando aproximar os princípios da CNV das experiências cotidianas vivenciadas no ambiente escolar.

Entre as estratégias utilizadas, destacaram-se as rodas de conversa, as dinâmicas reflexivas e as atividades lúdicas e audiovisuais, que proporcionaram oportunidades de reflexão sobre as emoções, o respeito mútuo e as possibilidades de resolução de conflitos. Por meio dessas atividades, buscou-se estimular o reconhecimento dos sentimentos e das necessidades envolvidos nas relações interpessoais, bem como discutir formas mais respeitosas de expressar opiniões, comunicar desconfortos e lidar com divergências.

Um dos aspectos relevantes da experiência foi a utilização de girafas de pelúcia como recurso simbólico de mediação de conflitos. A participação dos estudantes na escolha dos nomes dos mascotes favoreceu o envolvimento das turmas com a proposta e a aproximação com o recurso utilizado. Esse interesse também se manifestou nos relatos espontâneos dos alunos, que compartilhavam com o grupo como e em quais situações haviam utilizado as girafas no cotidiano escolar. Tais manifestações evidenciaram a participação ativa dos estudantes na experiência e a incorporação dos mascotes às suas vivências na instituição.

Além disso, os professores passaram a utilizar as girafas em sala de aula ao presenciarem conflitos entre os alunos, recorrendo ao recurso como estratégia para estimular o diálogo e favorecer a busca por alternativas para a resolução das divergências. Esse desdobramento demonstra que a utilização dos mascotes ultrapassou os momentos

específicos da intervenção e passou a integrar práticas do cotidiano escolar. A experiência, portanto, evidencia o potencial de recursos lúdicos e participativos para aproximar os princípios da CNV das situações concretas de convivência, favorecendo oportunidades de diálogo e reflexão diante dos conflitos.

Nesse contexto, os quatro componentes da CNV — observação, sentimentos, necessidades e pedidos —, propostos por Rosenberg (2006), constituíram a base das reflexões desenvolvidas durante a intervenção. As atividades buscaram explorar diferentes formas de comunicação e interação, enfatizando a importância de reconhecer e expressar sentimentos e necessidades de maneira respeitosa, além de considerar as perspectivas dos outros diante de situações de conflito. Essa abordagem permitiu trabalhar o diálogo e a escuta como recursos para a compreensão mútua e para a construção de relações interpessoais pautadas na empatia e no respeito.

A participação dos professores e da diretora escolar ampliou a discussão sobre a comunicação e as relações interpessoais para além das interações entre os estudantes. Os momentos de diálogo com esses profissionais possibilitaram abordar a importância da escuta, da colaboração e do manejo dos conflitos no cotidiano educacional. Essa dimensão da proposta reforça a compreensão de que a promoção de uma convivência respeitosa envolve os diferentes integrantes da comunidade escolar e requer atenção às formas de comunicação e interação presentes nas relações estabelecidas na instituição.

A experiência permite discutir as relações entre a Comunicação Não Violenta e o desenvolvimento socioemocional, especialmente no que se refere ao reconhecimento e à expressão das emoções, à identificação das necessidades, à escuta e ao exercício da empatia. Ao abordar essas dimensões por meio de atividades dialogadas, reflexivas e lúdicas, a intervenção buscou criar oportunidades para que os participantes refletissem sobre suas formas de comunicação e sobre as consequências que diferentes atitudes podem ter nas relações interpessoais. Essa perspectiva aproxima-se das discussões sobre competências socioemocionais apresentadas por Brantes e Gondim (2025), particularmente no que diz respeito à percepção emocional e às interações sociais.

A temática da Comunicação Não Violenta também foi socializada na Mostra Cultural da Educação e no desfile cultural do município. Esses momentos ampliaram a divulgação da proposta para além dos encontros específicos e favoreceram a circulação das reflexões sobre comunicação, respeito e convivência em outros espaços de participação da comunidade escolar. Essa iniciativa reforçou a dimensão coletiva da

experiência e a possibilidade de integrar a promoção do desenvolvimento socioemocional às atividades desenvolvidas no contexto educacional.

Os aspectos discutidos também podem ser relacionados às reflexões de Vinha et al. (2025) sobre a complexidade dos desafios da convivência escolar e a importância de propostas de intervenção planejadas e contextualizadas. A experiência evidencia a possibilidade de articular diferentes estratégias, como rodas de conversa, dinâmicas reflexivas, recursos lúdicos e momentos de diálogo com os profissionais, em torno de um objetivo comum: promover a reflexão sobre as relações interpessoais e as formas de comunicação presentes no ambiente escolar. Nesse sentido, a utilização das girafas de pelúcia destaca-se como um recurso que favoreceu a aproximação entre os princípios trabalhados durante a intervenção e as situações cotidianas de conflito relatadas pelos estudantes e vivenciadas pelos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida possibilitou explorar as contribuições da Comunicação Não Violenta (CNV) para a promoção da convivência escolar e do desenvolvimento socioemocional, por meio de atividades fundamentadas nos quatro componentes propostos por Rosenberg (2006): observação, sentimentos, necessidades e pedidos. As ações realizadas com os estudantes e os momentos de diálogo com os profissionais da instituição favoreceram espaços de escuta, participação e reflexão sobre as emoções, as necessidades e as formas de comunicação presentes nas relações interpessoais.

Nesse sentido, a experiência permitiu identificar possibilidades de aplicação dos princípios da CNV no contexto educacional, especialmente no que se refere à valorização da escuta ativa, ao exercício da empatia, à expressão respeitosa dos sentimentos e à busca por alternativas dialógicas diante de situações de conflito. A utilização de rodas de conversa, dinâmicas, atividades lúdicas e recursos audiovisuais, aliada à adoção das girafas de pelúcia como recurso simbólico de mediação, contribuiu para aproximar a temática das experiências cotidianas dos estudantes. Além disso, a participação dos professores e da diretora ampliou as reflexões sobre a importância da comunicação e da colaboração na construção de relações mais respeitosas no ambiente escolar.

A socialização da proposta na Mostra Cultural da Educação e no desfile cultural do município também ampliou a divulgação da temática, reforçando a importância de envolver a comunidade escolar em iniciativas voltadas à promoção do respeito, da empatia e da cooperação. Essas ações evidenciam a possibilidade de integrar a Comunicação Não Violenta às práticas educativas, articulando o desenvolvimento socioemocional à construção de uma cultura de convivência pautada no diálogo e na valorização das relações interpessoais.

Cabe destacar, entretanto, que, por se tratar de um relato de experiência de abordagem qualitativa, as considerações apresentadas se restringem ao contexto em que a intervenção foi desenvolvida. Assim, não é possível afirmar que as ações tenham produzido mudanças permanentes nas relações escolares, mas reconhecer as possibilidades identificadas ao longo das atividades e a pertinência da CNV como referencial para propostas de intervenção no ambiente educacional.

Conclui-se que a experiência contribuiu para evidenciar o potencial da Comunicação Não Violenta como estratégia de fortalecimento da convivência escolar, ao proporcionar espaços de escuta, diálogo e reflexão sobre emoções, necessidades e formas de comunicação. Reforça-se, portanto, a importância de iniciativas contínuas que envolvam estudantes e profissionais da educação na construção de práticas relacionais mais respeitosas, empáticas e colaborativas, reconhecendo as contribuições da Psicologia Educacional para a promoção do desenvolvimento socioemocional e para o fortalecimento das relações no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

BRANTES, C. A. A.; GONDIM, S. M. G. Competências socioemocionais no ensino fundamental: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Educação**, v. 30, 2025. DOI: 10.1590/S1413-24782025300092.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica.** 2. ed. Brasília, DF: CFP, 2019.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006.

VINHA, T. P. et al. O clima escolar e a convivência respeitosa nas instituições educativas. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 27, n. 64, p. 96-127, 2016. DOI: 10.18222/eae.v27i64.3747.

VINHA, T. P.; NUNES, C. A. A.; TOGNETTA, L. R. P.; ARAGÃO, A. M. F. A convivência nas escolas: desafios e possibilidades. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 39, n. 115, e39115089, 2025. DOI: 10.1590/s0103-4014.202539115.006.